

## **A FANTASIA PERVERSA EM UM CASO DE HISTERIA FEMININA**

*Ana Paula Queiroz Bastos\**

**RESUMO:** Este trabalho buscou elaborar os fatores que determinam a relação entre o sujeito e a fantasia a partir do referencial teórico-clínico da psicanálise. O intuito é investigar e discutir questões acerca da posição subjetiva da mulher frente à mãe, primeiro objeto de amor de toda criança. Com este objetivo, exploramos os conceitos de sexualidade, neurose, feminina e feminilidade na obra de Freud e no ensino de Lacan. Para tanto, indagamos como se dá a escolha da neurose e a construção da fantasia na histeria feminina. O tema da fantasia perversa nos levou à questão da existência da perversão nas mulheres, questão esta que pretendemos desenvolver em estudos posteriores.

**Palavras chave:** Histeria. Feminino. Feminilidade. Fantasia. Perversão.

---

*Ana Paula Queiroz Bastos* \*. Psicóloga – Psicanalista Com Formação acadêmica e profissional: Universidade Veiga de Almeida, UVA/RJ, Rio De Janeiro, Brasil \_ 2011 – 2013 Mestrado psicanálise Saúde e Sociedade; 2007 – 2009 Especialização em Teorias Psicanalítica e prática clínica.\_ 2004 - 2008 Graduação em psicologia - Bacharel/licenciatura, Como também diversos seminários de psicanálise e jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Atuante no consultório.

### Caso clínico

Em suas pesquisas sobre a sexualidade, Freud percebe que o complexo de Édipo é o núcleo da neurose, e mais, essa experiência psíquica é vivida de diferentes modos pela menina e pelo menino. Freud constatou que o menino sai do complexo de Édipo frente à castração, e a menina entra no Édipo pela inveja do pênis, a “*penisneid*”. No texto sobre a “sexualidade feminina” (1931) Freud escreve que: “talvez pareça que devêramos retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses”<sup>1</sup>; é neste texto que ele aponta um dos pontos principais sobre a sexualidade feminina. Para Freud a fase pré-edípica nas mulheres é de suma importância, pois essa fase comporta todas as fixações e o recalque que leva à escolha da neurose. De posse dessa descoberta, Freud pode afirmar que “a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, é uma disposição inata dos seres humanos, e que nas mulheres pode-se observar esse fato mais claramente”<sup>2</sup>. Dessa forma podemos destacar o complicador do Édipo feminino; este encontra-se justamente no desvio do investimento libidinal da menina, ou seja, para entrar no Édipo, a menina precisa mudar seu objeto sexual e também de zona erógena. Fato é que a sexualidade feminina, para Freud, constituiu-se em um verdadeiro “continente negro”, o que o impulsionou à elaboração do texto “Uma criança é espancada” (1919). Nesse texto, Freud se pergunta sobre a gênese das perversões, em particular do masoquismo, e quais as consequências da diferença sexual na escolha da estrutura.

Para falar sobre a sexualidade feminina, Lacan lança mão de um caso clínico freudiano, a saber, o caso da jovem homossexual. Seguindo os passos lacanianos, buscarei elaborar um caso de minha clínica.

Suzana é uma paciente de 55 anos e veio em busca de análise com o diagnóstico psiquiátrico de “Síndrome do Pânico”. Demanda da analista que esta lhe faça *caminhar na rua*. Ela fala do que disparou seu pânico sem se dar conta dos significantes que o determinaram. Sua irmã mais nova, provedora da casa, havia ficado desempregada.

Para a psiquiatria, de acordo com o DSM-5, “síndrome do pânico significa um ataque representado por um período distinto no qual há um período súbito de intensa apreensão, temor ou terror, frequentemente associado com sentimentos de catástrofes iminentes. Durante

---

<sup>1</sup> FREUD, S. “sexualidade feminina” (1931). In: Obras completas de Sigmund Freud. Ed. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 234.

<sup>2</sup> Ibidem nota 4, p.236

esses ataques estão presentes sintomas tais como falta de ar, palpitações, dor ou desconforto torácico, sensação de sufocamento e medo de ficar louco ou de perder o controle”.

No plano psicanalítico, deve-se ampliar esse olhar para além das concepções biológicas e empíricas da vertente psiquiátrica contemporânea. Reportando-se a Freud, é possível observar que a temática do pânico não é estranha na evolução de sua teoria da neurose de angústia e a sintomatologia dos denominados ataques de angústia muito se assemelha ao período de pânico descrito no DSM-5.

Suzana tem um único surto de pânico em uma encruzilhada do metrô, e depois não se autoriza mais a sair à rua. Logo nas primeiras entrevistas a paciente se mostra um sujeito dividido entre dois significantes, a saber, a casa e a rua. Os ditos maternos apontavam para uma figura feminina da casa, a “Santa”, e os ditos paternos para uma figura feminina da rua, a “Putá”. Já os homens, em suas descrições, eram uns “imprestáveis”, que só davam valor a mulheres de rua.

Em sua função a mãe transmite à menina os objetos metonímicos que escondem o corpo da mesma enquanto mulher na relação mãe e filha - os sapatos, as bijuterias, as roupas. Estes funcionam como objetos fetiches, desmentindo a castração, justamente para que a mulher pareça ser um falo e atraia um homem. Esses objetos ditos femininos fazem parte do jogo de semblantes em que consiste a atração homem–mulher. Na devastação, esta transmissão fracassa e o corpo permanece desfalcizado, o sujeito desprovido do seu lugar, as palavras já não podem significar. Este não-lugar no desejo do Outro não pode ser apaziguado pela função paterna, já que o pai está submetido aos caprichos do Outro materno.

Em seu discurso Suzana traz a questão “*sou homem ou sou mulher?*” típica da histeria. E enquanto histérica, banca o homem para indagar o que é uma mulher. Em casa, está sempre consertando a descarga, as rodinhas do carrinho de feira, e no plano da identidade sexual, parecia ter escolhido a posição masculina: vestia-se e se portava como um homem. Falava e adorava os adornos femininos na mãe e na irmã e, na transferência, na analista. Contava que a irmã, mesmo sem dinheiro para comprar roupas, passeava nas lojas apenas para experimentá-las; já ela sentava em um banquinho e olhava o entre e sai dos provadores. Achava lindas as unhas pintadas da analista, mas nela, de acordo com suas palavras, os adornos femininos não exerciam seu poder, pois ela tinha “unhas de gavião”; sua fala me faz pensar que sua abjeção pelos adornos femininos era apenas uma forma de negação do real do sexo.

Tudo que se referia à rua para ela era conotado de sujeiras e imundícies, salvo a rua de seu passado. Ela diz: “A rua, antigamente, era mais suja que agora, mas aquela época é que

era boa”. É interessante ressaltar que, embora Suzana ache a rua uma imundice, paradoxalmente ela se refere a rua de seu passado como algo ainda mais sujo; para ela aquela época era mais prazerosa do que a atual. As suas sujeiras da rua eram deixadas do lado de fora da casa com medidas excessivas de limpeza, mas infelizmente seu pai trazia nos pés as sujeiras e imundices da rua para dentro de casa. Falava sobre as sujeiras do pai, mas não tinha nada pra falar dela mesma. Parecia um ser assexuado e de sua vida erótica lembrava-se apenas de um homem que se interessou por ela, mas ele era um “imprestável”.

Importa destacar que é nas relações familiares que a criança constrói sua fantasia como resposta ao enigma do desejo do Outro. Cada indivíduo se sujeita aos significantes aos quais se alienou no Outro e são esses que podem falar de sua novela familiar, pois é com eles que se pode construir uma história de vida.

Assim, para Suzana, o pai nunca foi presente, pois vivia na rua. Um homem “bonito” e trabalhador, mas também um “boêmio”, “safado”, “mulherengo” que não sabia respeitar as mulheres. Traía sua mãe com mulheres de rua. A mãe, um exemplo de mulher “casada”, “religiosa”, mas também da “boba” que sempre cuidou da casa, dos filhos e do pai.

Suzana é a filha do meio de três irmãos. A irmã, uma mulher perua com todos os apetrechos femininos possíveis e o irmão faz parte da classe dos homens “imprestáveis”, que não sabem como cuidar de uma mulher. A família morava em uma casa grande, construída pelo próprio pai em um lugar residencial, afastado do centro. O pai também ajudou todos os seus familiares a construírem em terrenos próximos. A mãe não tinha autoridade sobre nada em sua própria casa, os familiares entravam em sua casa, comiam e bebiam sem precisar de permissão. Quando se davam conta, já estavam dentro de casa seus primos e tios tomando conta da vida deles.

Lembra que nos finais de semana o pai saía na sexta-feira à noite e voltava para casa no domingo de madrugada, entrando com os pés sujos da rua, deixando suas pegadas marcadas no chão encerado da casa. Suzana fala sobre um carnaval em que o pai só voltou na quarta-feira de cinzas, e apareceu em uma reportagem da TV sambando com uma mulher. Ao chegar em casa sempre negava tudo, e a mãe aceitava.

Ao falar de sua infância, diz não lembrar-se de quase nada, o que lhe vem à memória é um episódio em que tinha 9 ou 10 anos e estava dormindo na mesma cama com uma amiga. O pai foi atrás dela enfurecido, pois não queria que ela dormisse na casa dessa amiga. Anos depois, essa amiga se declarou para a irmã da paciente como “sapatão”. Era também com essa amiga que ela “zanzava” e “zoava” pelas ruas na volta da escola. Mas, segundo a paciente, ela

nunca desconfiou das escolhas de objeto amoroso da amiga. Lembra-se também dos vestidos que usava nas festas juninas, quando tinha 6 ou 7 anos, que eram feitos por sua mãe.

Aos 18 anos aconteceu a mudança de endereço da família. Conta que convenceu a mãe de que precisavam se mudar. Assim, minha paciente identificada ao lugar de esposa do pai, vai com ele escolher o novo endereço da família. Depois de ver muitos prédios, escolheram um apartamento localizado ao lado de uma igreja e na rua do Metrô. Assim, Suzana materializa e condensa dois significantes que a determinam enquanto sujeito “rua e igreja”. Tal mudança trouxe um estilo de vida diferente, pois agora, identificada ao pai, trabalha e sai à noite para farras com amigas e frequenta os mesmos bares que ele. Frequentemente ela o via com outra mulher, corria a dizer, talvez à mãe, que ela Suzana teria melhores condições de sustentar um gozo masculino com uma mulher do que seu pai. Como um desafio ao pai, contava tudo que viu, mas o pai negava tudo e a mãe não acreditava. Nesses episódios o pai a chamava de “mulher de zona”.

Um belo dia, ao chegar para trabalhar, recebeu a notícia da falência da empresa. Segundo ela, culpa do diretor que só queria saber de mulheres. Seu desemprego culminou com uma doença gravíssima da mãe. A irmã e o irmão eram engenheiros e trabalhavam, alegando não poder cuidar da mãe. Pelo pai a mãe seria internada em um hospital psiquiátrico. É nesse momento que Suzana vê-se forçada a cuidar da mãe, assim, para mostrar ao pai e ao patrão como se cuida de uma mulher, assume o lugar da mãe, retira a libido investida na rua e investe totalmente na mãe e na casa. A vida boêmia que vivia cede lugar a uma vida totalmente em função da mãe. Com os cuidados da filha, a mãe se recupera da doença, mas mesmo assim Suzana fala e age como se estivesse imobilizada diante da mãe, como se esta fosse um Outro absoluto e fálico. Na ocasião da análise sua mãe encontrava-se com a idade de 82 anos, mas mesmo assim, em certa sessão, fala das pernas da mãe como “mais bonitas do que as pernas de uma menina de 15 anos”, sugerindo que ela ocupava um lugar de “ideal do eu”. Essa erotização das pernas na transferência mostra-se forte pois em varias sessões as pernas da analista era por vezes elogiada e observada.

O caso de Suzana levanta questões intrigantes, tais como: o que faz um sujeito com 55 anos falar da mãe como um ser completo, sem falta? Que posição ocupa Suzana na partilha dos sexos? O que fez Suzana perverter sua libido? Seria ela um sujeito perverso? Existe perversão no feminino?

Em suas pesquisas Freud aborda a constituição da perversão a partir da resolução do Édipo. A fantasia perversa é um elemento da neurose e para Lacan “Existe aí como que uma

redução simbólica, que eliminou progressivamente toda a estrutura subjetiva da situação para deixar subsistir apenas um resíduo inteiramente dessubjetivado”.<sup>3</sup> Para melhor exemplificar a teoria, Lacan inscreve o caso freudiano da jovem homossexual conceituando uma relação cruzada do sujeito e o Outro, como uma “fantasia perversa que se faz necessária para uma significação simbólica, mas é na interposição imaginária que o sujeito encontra sua estrutura de objeto, na relação egóica com os objetos atraentes para tal, que são os correspondentes ao seu desejo, que o sujeito segue o caminho imaginário que formam suas fixações libidinais”.<sup>4</sup>

No caso em questão, Lacan fala de uma “perversão constituída tardiamente”. Em um primeiro momento, em sua puberdade, a jovem cuidava de crianças, o que a mostrava orientada à vocação típica da mulher, a da maternidade. Mediante esse fato percebe-se que algo ocorreu para uma espécie de inversão “levando-a a interessar-se por objetos de amor marcados pelo signo da feminilidade”. Tanto para Freud quanto para Lacan, o que está em jogo e se faz necessário é algo que se faça de presença e ausência. A questão que está em jogo aí é o falo.

No caso de Suzana, aparecem os mesmos elementos do caso da jovem homossexual: o pai, a mãe e a dama, aparentemente ela seguia para uma saída do Édipo onde teria uma escolha de objeto amoroso heterossexual, pois identificada à mãe quando morava afastada do centro da cidade cuidava da casa. Quando muda de residência, muda para o centro da cidade e muda também o seu comportamento, agora identificado ao pai, vive uma vida boêmia junto com sua amiga de infância. A dupla frustração sofrida pelo desemprego causada pelo patrão e pela desvalorização da mãe causada pelo pai a levaram a perverter toda a sua libido para a mãe. A pergunta que me faço nesse caso é: Existe estrutura perversa no feminino? A mulher pode ser fetichista?

O texto “A função do véu”, no mesmo seminário, traz uma colocação importante para pensarmos esse caso clínico. Lacan caracteriza o fetiche como “a mulher se dá, na medida em que deve ser assim simbolicamente, a saber, que ela deve dar alguma coisa em troca daquilo que recebe, isto é, o falo simbólico”. Nesse mesmo texto, o autor coloca que o fetiche será próprio do menino, se toda experiência edípica se desse no plano da diferença entre os dois

---

<sup>3</sup> LACAN, J. O Seminário Livro 4 A relação de objeto”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.cit., p156.

<sup>4</sup> Ibidem 6, p. 157

sexos, e afirma: “Ora, não é nada disso!”.<sup>5</sup> O “fetichismo é excessivamente raro na mulher, no sentido próprio e individualizado em que ele se encarna num objeto que podemos considerar como respondendo, de uma maneira simbólica, ao falo como ausente”.<sup>6</sup> Como Lacan, vamos deixar a questão da perversão na mulher para outra ocasião e vamos nos deter no caso clínico. A relação do sujeito com um objeto que realmente não é um objeto caracteriza-se em um símbolo que é o fetiche. É Lacan que iguala esse movimento ao sintoma. A saber, o sintoma de minha paciente estava na impossibilidade de caminhar na rua.

O véu tem a função de tampar a falta, mas seu valor está justamente em ser a tela na qual o sujeito imagina a ausência e a “cortina é, se podemos dizê-lo, o ídolo da ausência”.<sup>7</sup> Assim, parece que o sujeito guarda certa ilusão em todas as relações tecidas por seu desejo.

No caso em questão, a paciente comporta-se de modo a parecer que ela está tentando negar mais uma vez a castração, ou tal qual o caso da jovem homossexual seu Édipo foi vivido tardiamente. O horror que recai sobre ela, frente à impotência, ao perder o emprego, e à doença da mãe, parece ter sido insuportável. Ela usa a mãe como fetiche para aplacar a angústia de castração. Daí surge o questionamento: como uma mulher com estrutura histórica comporta-se de forma a negar a castração? Nesse mesmo Seminário Lacan diferencia um sujeito de estrutura perversa de um sujeito de comportamento fetichista, e diz que o sujeito de estrutura perversa se utiliza do fetiche no lugar do véu, já o sujeito com um comportamento fetichista utiliza-se do fetiche de forma a localizá-lo atrás do véu, ou seja, no lugar da mãe, onde adere a uma posição de identificação. Assim, enquanto se utiliza do fetiche, ela também o é.

No caminhar de sua análise, Suzana se permitiu ver e falar sobre um significante importante em sua fantasia. Ela se vê como a “muleta da mãe”. Um puro objeto utilizado pela mãe, o qual ela pode devorar e, no limite, destruir. Sua identificação com o falo imaginário a impedia de caminhar sozinha pela rua. Segundo Elizabeth Rocha no texto “A mais célebre epistolária da homossexualidade feminina”:

“ A exclusão paterna no caso de Françoise Marguerite e sua mãe, ( O silêncio que se faz do lado do pai) não as virilizou o suficiente para que pudessem construir a mascarada feminina necessária ao gozo fálico. O que as deixou entregues ao gozo

---

<sup>5</sup> Ibidem 7,. p. 156.

<sup>6</sup> Ibidem 8,. p. .

<sup>7</sup> Ibidem 9,. p. .

Outro, que nesse Caso, é mortífero, por ter sido experimentado incestuosamente no corpo a corpo entre mãe e filha.”

Mas Suzana precisava de um álibi para ficar em casa. E ela o encontrou nos cuidados que deu à mãe. Agora, com a irmã desempregada, como poderia sair à rua? O desemprego da irmã lhe faz reviver o seu próprio desemprego e lhe remete a uma “encruzilhada”.

Quando chegou para análise, Suzana passava seus dias em meio a intrigas históricas e “bancando o homem” em casa. Não esboçava interesse em sair ou se divertir. Mas, nem sempre foi assim, pois quando ela trabalhava numa empresa multinacional, saía e se divertia com amigos sobre os quais não quis mencionar nada. Tinha bom relacionamento com todos. Mas, e sua vida erótica? Sobre esse assunto mantinha-se em posição de defesa, não dizia nada. Apenas mencionava que os homens não prestavam. Contra o que ela estava se defendendo?

No texto sobre “O fetichismo” (1927), Freud diz que o fetichismo é uma defesa contra a homossexualidade. Ao se utilizar de um fetiche, o sujeito se protege e mantém um triunfo sobre a castração, pois o fetiche transforma a mulher em um objeto sexual. O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele. Aquilo pelo qual os outros homens tem de implorar e se esforçar, pode ser obtido pelo fetichista sem qualquer dificuldade.

“Provavelmente a nenhum indivíduo humano do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino. Por que algumas pessoas se tornam homossexuais em consequência dessa impressão, ao passo que outras a desviam pela criação de um fetiche, e a grande maioria a supera, francamente não somos capazes de explicar. É possível que, entre todos os fatores em jogo, ainda não conheçamos os decisivos para os raros resultados patológicos. Temos de nos contentar se pudermos explicar o que aconteceu, e deixar atualmente de lado a tarefa de explicar por que algo não aconteceu”.<sup>8</sup>

O caso em questão chamou-me a atenção para um sintoma singular que põe o sujeito numa relação eletiva com o fetiche. O que coloco para análise é um caso clínico de uma paciente com estrutura histórica, mas com um comportamento fetichista. O que nos parece é que a paciente tomou as pernas da mãe como fetiche no momento de uma dupla frustração:

---

<sup>8</sup> FREUD, S. “O Fetichismo” (1927). In: Obras completas de Sigmund Freud. Ed. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 97.



com o pai, quando esse desvaloriza a mãe e quer interná-la, e com o patrão, que deixou uma empresa multinacional ir à falência, deixando-a desempregada.

Na instauração de um comportamento fetichista podemos destacar os elementos: sujeito, objeto e o nada. Estes se relacionam com sentimentos de amor ou de frustração. A diferença consiste no fato de que uma relação do objeto de amor acontece através de uma metáfora: o amor se transfere ao desejo que se apega ao objeto como ilusório. Já a relação do sujeito com o objeto através da frustração, acontece através de metonímia. Neste texto, Lacan se pergunta: “Quais são as causas da instauração fetichista?”<sup>9</sup>

Para responder a seus questionamentos, partimos da relação entre a criança real e a mãe simbólica e o falo da mãe que para a criança é imaginário. Nessa relação a moeda principal é o falo. O comportamento fetichista põe o sujeito numa relação eletiva com um fetiche, o objeto fascinante inscrito sobre o véu, em torno do qual gravita a sua vida erótica. Na releitura do caso clínico da jovem homossexual, Lacan pôde identificar vários pontos necessários para se falar, como disse ele, de um “sintoma singular”. São as lembranças encobridoras, que fixam a interrupção na “barra da saia da mãe”. No caso de Suzana, nas pernas da mãe.

“A relação ambígua do sujeito com o fetiche, relação de ilusão, vivida como tal e como tal proferida. A função particularmente satisfatória de um objeto inerte, plenamente a mercê do sujeito para a manobra de suas relações eróticas”<sup>10</sup>. “O recurso ao fetiche se dobra, se extenua, se desgasta ou simplesmente se furta. O comportamento amoroso do sujeito se resume numa defesa”<sup>11</sup>.

Para Freud, o fetichismo é uma defesa contra a homossexualidade. Já Lacan declara que o sujeito com um comportamento fetichista tem uma alternância de identificações, pois o sujeito identifica-se com a mulher confrontada com o pênis destruidor ou com o falo imaginário.

No caso clínico analisado, o desemprego da irmã revive o próprio desemprego de Suzana, provocando o sintoma e a angústia. Ela vem em busca de análise e, através da transferência, coloca a analista no lugar de Outro absoluto e fálico.

“Os autores já há algum tempo estão bastante embaraçados. Por um lado, não podemos perder o contato com a noção de que a gênese do fetichismo está essencialmente articulada ao complexo de castração. Por outro lado, é nas relações pré-edípicas, e em nenhum outro lugar, que aparece mais assegurado que a mãe fálica é o elemento central, a mola decisiva”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Ibidem 9. P.161

<sup>10</sup> LACAN, J. O Seminário Livro 4 A relação de objeto”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.cit., p. 162.

<sup>11</sup> Ibidem, nota 8

<sup>12</sup> LACAN, J. O Seminário Livro 4 A relação de objeto”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.cit., p. 161.  
*Psicanálise & Barroco em revista v.12, n.1: 104-116, jul.2014*

## **Referências**

QUINET, Antonio e COUTINHO, Jorge. (Organizadores). *As Homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização* – São Paulo: Segmento Forma, 2013.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD, S. (1896) “Rascunho K”. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.267-296

FREUD, S. (1893). “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar”. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume II. Rio de Janeiro, Imago, 1996.p.39-53

FREUD, S. (1905-1901). “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p.19-106

FREUD, S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Edição tandard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.119-217

FREUD, S. (1923). “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p.155-161

FREUD, S. (1924). “A dissolução do complexo de Édipo”. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p.191-199

FREUD, S. (1925). “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p.273-286

FREUD, S. (1931). Sexualidade Feminina v. XXI. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.231-243

FREUD, S. (1932) Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. v. XXII. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.13-38

FREUD, S. (1933). Feminilidade v. XXII. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.113-134

LACAN, J – (1955-1956). O Seminário livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

LACAN, J – (1956-1957). O Seminário livro 4. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

LACAN, J. O Seminário Livro 5 as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.

## **THE WICKED FANTASY IN A CASE OF FEMALE HYSTERIA**

### **ABSTRACT**

This study sought to elaborate on factors that determine the relationship between subject and fantasy within a theoretical and clinical framework of psychoanalysis. In order to investigate and discuss issues involving the subjective position of a woman and mother, the first object of affection and love of all children. With this goal, we explore the concepts of sexuality, neurosis, women and femininity within the works of Freud and the teachings of Lacan. For both, we ask how the choice is made regarding neurosis and fantasy construction in female hysteria. The theme of perverse fantasy led us to the issue of the existence of perversion in women, an issue we intend to develop in later studies.

**Keywords:** Hysteria. Female. Femininity. Fantasy. Perversion.

## **LE FANTASME MAUVAIS DANS UN CAS D'HYSTÉRIE FÉMININE**

### **RÉSUMÉ**

Cette étude visait à développer les facteurs qui déterminent la relation entre le sujet et la fantaisie du cadre théorique et clinique de la psychanalyse. Plus précisément, nous privilégions la fonction de l'imaginaire dans le cas de l'hystérie féminine afin d'étudier et de discuter de questions relatives à la position subjective de la femme devant la mère du premier objet d'amour de tous les enfants. Dans ce but, nous explorons les concepts de la sexualité, la névrose, féminin et la féminité dans l'œuvre de Freud et l'enseignement de Lacan. Pour ce faire, nous nous demandons comment fait le choix de la névrose et de la construction de la fantaisie dans l'hystérie féminine. Le thème de la fantaisie perverse nous conduit à la question de l'existence de la perversion chez les femmes, une question que nous allons développer dans des études ultérieures.

**Mots-clés:** Hysteria. Femme. Féminité. Imagination. Perversion.

Recebido em 08/02/2014

Aprovado em 24/04/2014

© 2014 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)